

## Maria Martins e o “Planeta China”: a visita de uma artista brasileira à República Popular da China em 1956<sup>1</sup>

Francisco Foot Hardman

**Resumo:** Trata-se de um comentário sobre a visita da artista plástica Maria Martins (1894-1973) à República Popular da China no ano de 1956. A principal fonte é seu próprio relato dessa experiência, narrado no livro *Ásia Maior: o Planeta China*, cuja primeira edição é de 1958. Concentramos nossa leitura em dois episódios: seu encontro com o presidente Mao Tsé-Tung num jantar reservado; e sua paixão poética pela cidade de Pequim, que ela nomeia “Cidade Azul”. Este artigo resulta de duas apresentações orais, a convite, no Museu de Arte Minsheng de Pequim e na Universidade de Pequim, em 2017. Nesta última, em 2024, revimos sua versão escrita.

**Palavras-chave:** Maria Martins. Viagem à China. “Planeta China”. Outono 1956.

## Maria Martins and “Planet China”: a Brazilian artist’s visit to the People’s Republic of China in 1956

**Abstract:** This is a commentary on the visit of the artist Maria Martins (1894-1973) to the People’s Republic of China in 1956. The main source is her own account of this experience, narrated in the book *Ásia Maior: o Planeta China*, whose the first edition is from 1958. We focus our reading on two episodes: his meeting with Chairman Mao Zedong at a private dinner; and her poetic passion for the city of Beijing, which she calls “Blue City”. This article is the result of two oral presentations, by invitation, at the Beijing Minsheng Art Museum and Peking University, in 2017. In the latter, in 2024, we revised its written version.

**Keywords:** Maria Martins. Travel to China. “The China Planet”. Fall 1956.

---

<sup>1</sup> Durante minha visita acadêmica à Universidade de Pequim, em maio-julho 2024, fui convocado pela colega Fan Xing a fazer a revisão do texto que ora publicamos. Ele permanecia inédito e foi resultado de duas exposições orais que fiz aqui na capital chinesa, em dezembro de 2017: 1- no seminário de abertura da Exposição Internacional de Artistas Contemporâneos Brasil-China, no Beijing Minsheng Art Museum, a convite do poeta e professor Hu Xudong (*in memoriam*); 2- no Núcleo de Cultura Brasileira da Escola de Línguas Estrangeiras da Universidade de Pequim, a convite da professora Min Xuefei. A todas essas pessoas e instituições, os meus sinceros agradecimentos.

Maria Martins (Campanha, sul de Minas Gerais, 1894 – Rio de Janeiro, 1973) hoje é considerada uma das mais importantes artistas brasileiras modernas. Foi grande escultora, desenhista, gravurista, pintora e escritora. Teve também carreira diplomata como embaixatriz. Assim sendo, sua trajetória internacional foi sempre muito marcante. Neste trabalho, vamos apresentar um aspecto ainda pouco estudado de sua vida: sua viagem à China, no outono de 1956. Foi uma viagem extraoficial, fora de sua agenda diplomática, mas a convite do governo da República Popular da China. Dessa importante experiência resultou um livro de sua autoria, *Ásia Maior: o Planeta China*, cuja primeira edição é de 1958 (com prefácio do ex-ministro de Relações Exteriores, Oswaldo Aranha)<sup>2</sup> e que conheceu apenas uma segunda edição, em 2008, por iniciativa da Fundação Alexandre Gusmão, do Itamaraty, vinculada, portanto, ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil (e que, além do prefácio original, contém nova apresentação do então ministro do governo Lula, Celso Amorim). Sem dúvida, voltar a essa obra até hoje relativamente pouco conhecida pode ser de alto interesse para a valorização dos diálogos interculturais entre a China e o Brasil.

Até o final do século XX, digamos, Maria Martins era, como grande artista, também relativamente pouco valorizada no Brasil. Entre alguns trabalhos mais recentes que lhe deram o merecido destaque e reconhecimento, devemos lembrar, entre outros: *Maria Martins, uma biografia*, de Ana Arruda Callado (2004); o importante ensaio de Raúl Antelo, *Maria con Marcel: Duchamp en los trópicos* (Buenos Aires, 2006), revisão crítica notável sobre as ilusões espaço-temporais da história da arte moderna na América Latina; o belo volume de inventário de sua obra artística, sob o simples título *Maria*, organizado por Charles Cosac, em 2010, com contribuições, entre outros, de José Resende, Francis Naumann, Dawn Ades e Vicente Mello; e o catálogo da mostra organizada por Verônica Stigger no Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 2013, intitulada *Metamorfoses*. Como se verifica, todos livros editados no século XXI, para uma artista desaparecida há quase meio século. E, para ser justo, no final do século XX, deve-se acrescer a referência algo pioneira da ex-

---

<sup>2</sup> Todas as citações que farei neste artigo pertencem ao texto dessa edição.

posição organizada pelo galerista Jean Boghici, em 1997, com catálogo editado pela Fundação Maria Luísa e Jorge Americano, em São Paulo.

Já para referir uma recuperação mais recente, não no campo bibliográfico ou catalográfico das artes plásticas, mas no cinema, devemos registrar, no ano de 2017, o lançamento do filme-documentário longa-metragem dirigido por Fernando Martins e Elisa Gomes, *Maria: Não Esqueça Que Eu Venho dos Trópicos*, que pode muito bem servir de introdução didática e boa síntese de sua vida e obra.

Mas não quero falar da arte de Maria Martins, aqui, que já foi classificada como uma surrealista solitária brasileira, embora ela própria não gostasse de rótulos definitivos, dizendo que a verdadeira arte “foge de todos os ismos”, de todas as classificações fechadas. Nem vou falar de sua vida intensa, aventureira e algo romanesca, porque quero me ater a essa viagem inusitada que ela fez à China, e se digo inusitada é por alguns bons motivos:

- a) por ter sido feita no outono de 1956, mais exatamente entre o final de novembro e meados de dezembro, num período em que eram raríssimos os viajantes à China provenientes de países alinhados ao bloco ocidental da Guerra Fria, a apenas 7 anos da revolução popular socialista de 1949;
- b) o fato de Maria Martins ter viajado sozinha, embora na condição de embaixatriz que era (casada com o prestigioso embaixador Carlos Martins), mas não em missão oficial de representação diplomática, e muito menos partidária (Maria Martins era uma mulher da elite social e econômica brasileira, sem nenhum vínculo político que a aproximasse, nem remotamente, ao campo ideológico comunista);
- c) o fato de que sua viagem, saindo da Índia para onde viera oficialmente, de Paris, como delegada da Unesco para reunião internacional, foi sim a convite pessoal do presidente Mao Tsé-Tung e do primeiro-ministro Chou En-Lai, o que revela, a um só tempo, a alta consideração de que dispunha junto às autoridades máximas da República Popular da China, bem como, talvez, o interesse estratégico dos dirigentes chineses em alargar sua área de influência e de simpatizantes para além do círculo estreito do ainda unificado bloco sino-soviético.

Fica evidente, pela leitura desse inusitado relato, que quem “pediu para ser convidada” foi a própria artista, sempre se dirigindo a Chou En-Lai, primeiro num encontro em Paris e, em seguida, noutro em Nova Deli. Aliás, tendo a viagem começado por sua ida como alta representante da UNESCO

a uma reunião na Índia, daí também resultou outro livro, curiosamente publicado somente em 1961, *Ásia Maior: Brama, Gandhi e Nehru* (e, também, estranhamente, jamais reeditado). Digo “curiosamente”, porque, vistos como dois volumes sobre uma única viagem à Ásia, a sua autora resolveu, ao escrevê-los e editá-los, inverter a sequência cronológica do seu roteiro, começando, talvez, pela narrativa da experiência que mais a impactou, como parece ficar claro na leitura das narrativas. Outro ponto importante a esclarecer: como a própria autora reconhece, sua vinculação ao imaginário oriental começou bem antes, no período 1934-36, quando viveu em Tóquio acompanhando o marido, então Embaixador. Lá, numa época difícil, em que, citando suas palavras, “presenciamos a evolução da política imperial [japonesa] para o militarismo e fortalecimento do Estado de Manchucuo”. (cf. *op. cit.*, p. 2), Maria Martins, ao mesmo tempo, inicia-se no zen-budismo tendo como mestre Daiset Teitaro Suzuki, professor da Universidade de Kioto, “que consentiu em me dar um pequeno curso de filosofia e religião budistas”. (cf. *op. cit.*, p. 70).

Mas sua atração pela China nada teve a ver diretamente com Buda. Ao menos que, num ato de dupla irreverência, pudéssemos associar sua materialização à figura do Presidente Mao, por quem Maria Martins manifesta, logo na abertura do livro, verdadeira admiração, para não dizer paixão. Toda a narrativa dos fatos vividos é entremeada por resumos históricos e literários em que a autora revela fino conhecimento de várias fontes sobre a história antiga, moderna e contemporânea da China, até nesse aspecto é um livro particularmente instrutivo. No caso do líder Mao, traça uma notícia biográfica bastante alentada. A visão geral que ressalta de tudo, aliás, é altamente positiva. Lembremos que, tendo toda sua estadia na China, no outono de 1956, durado algo em torno de duas semanas, o livro será redigido ao longo de 1957, e concluído no Rio de Janeiro, exatamente em outubro, para ser editado no ano seguinte. Somente no epílogo, a autora esboça um questionamento de base doutrinária, digamos, ao lançar a interrogação com que intitula esse tópico e encerra a narrativa: “Valerá a pena?”. Ressalvando que era uma dúvida quase íntima que a atormentava depois do regresso e ao longo da escrita, mesmo aí, nessa encruzilhada, a autora nunca deixa de reconhecer as enormes conquistas sociais, econômicas e políticas da



Revolução Chinesa, a ponto de considerarmos que, se havia cálculo dos dirigentes maiores do governo da República Popular em convidar uma artista influente embora “não-alinhada”, seu gesto foi plenamente exitoso, pois o livro poderia ser um “cartão de visitas” à Nova China para “nenhum ocidental botar defeito”..

Em meio a tantos aspectos interessantíssimos dessa escritura viajante (são 330 páginas!), prefiro, aqui, me fixar em dois momentos, digamos, em que o amor, no sentido mais geral, prevalece. Quando da visita que fez ao presidente Mao, logo na terceira noite de sua de sua chegada a Pequim (o Presidente a convida para um jantar), evento compartilhado com Wou Mau Sou, Secretário Geral do Instituto dos Estrangeiros; com Kuo Mo-Jo, escritor, filósofo, dramaturgo e romancista, presidente da Federação dos Escritores e Artistas da China, cuja obra a autora demonstra conhecer em detalhe, daí resultando admiração que só rivaliza com a que também nutre pelo escritor modernista e revolucionário Lu Xun; e com Chiang-Hai, presidente do Instituto dos Negócios Estrangeiros.

Ficarei com a fantástica transcrição pela autora de um diálogo mantido ao final daquela noite inesquecível com o presidente Mao, ressaltando que, na ausência de outros testemunhos e documentos, temos que nos fiar na escritura da escultora, e nas ambiguidades de toda tradução. Relato que não esconde, por outro lado, em nenhum momento, seu absoluto fascínio pelo líder maior da República Popular. Vale a pena transcrever aqui um longo trecho desse histórico encontro:

Indagou-me o que mais me agradara até aquele momento, na minha visita à China.

A beleza de Pequim me subjugou, Presidente, e a de seus monumentos...

Os monumentos e palácios de Pequim – interrompeu – indiscutivelmente belos, representam, entretanto, Senhora, o sacrifício do povo, lágrimas e sangue de muitos para o gozo de poucos.

Mas aí estão, Presidente, testemunhas do passado, do sofrimento, das lágrimas. Mas, também, da glória e da grandeza da China daquele tempo. Surpreendeu-me também, Presidente, a existência, ao lado do Templo do Céu, da exposição da indústria moderna chinesa. É a continuação magnífica do esforço do seu povo.

Contei-lhe que havia visitado, na véspera, os *ateliers* dos jovens artistas e verificara o auxílio imenso que lhes prestava o governo.

Os artistas são sempre sonhadores, senhora, não têm o conceito de realidade...

Nem de lógica, Presidente, o artista nasce livre, e essa liberdade lhe é intrínseca. Vossa Excelência – melhor que ninguém o sabe, porque poeta é também artista, na feitura da caligrafia.

Mao Tsé-Tung soltou gostosa gargalhada.

Poderia, senhora, explicar-me por que os jovens de agora pintam e esculpem apenas soldados e heróis?

De quem a culpa, Presidente? Não será dessa nossa época semibárbara? O tempo lhes abrirá novo caminho.

Contestou que talvez tivesse eu razão e que também almejava “que todas as flores florescessem nos jardins da China”.

Nessa frase verifiquei o progresso para maior liberdade de expressão.  
(cf. *op. cit.*, p. 11-12).

Minhas amigas e amigos: achei esse diálogo tão bonito, tão comovente nos seus termos, isto é, no seu próprio tempo-lugar, que mesmo que fosse, no limite, pura ficção, ainda assim não perderia sua humanidade. Mas creio que há elementos fortes de verossimilhança para nos dar a certeza de sua efetivação real, se não com as mesmas palavras, com o sentido geral verdadeiro apresentado pela autora, que vai, inclusive, retomar a frase final de Mao no seu epílogo. E seu tema, tão atual, me veio novamente à reflexão quando da valiosa intervenção do prezadíssimo artista chinês que tive o prazer de ontem conhecer aqui em nosso painel de abertura, Sr. Liu Wei<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Importante artista contemporâneo chinês, nascido em 1972, e que participou da citada Exposição Internacional de Artistas Contemporâneos Brasil-China no Beijing Minsheng Art Museum. O mais notável a propósito dessa visita é que Hu Xudong nos revelou que, ao consultar os diários privados do presidente Mao naqueles dias de 1956, encontrou anotações sobre a histórica visita de Maria Martins, não com os detalhes que ela narra no livro, mas igualmente simpático ao inusitado encontro naquele jantar, ao ressaltar que lhe parecia bem mais tranquilo e fluente tratar com representantes do “Terceiro Mundo” do que com emissários de potências ocidentais...

A outra nota forte de amor de Maria Martins pela China dirige-se, claramente, para esta cidade. Pequim, ela rebatiza-a de “Cidade Azul”. Azul de um céu profundo e inigualável que a artista vê, aqui, ou pelo seu reflexo na superfície dos lagos. Mas azul também pela cor dos uniformes-padrão dos trabalhadores e da população em geral nas ruas, que poderia ser identificado como cinza numa visão menos simpática, mas que a autora fez questão de pintar como azul<sup>4</sup>.

Aqui, me fixo no final do longo capítulo dedicado à antiga Capital do Norte (que é o significado original do nome desta cidade na língua chinesa: Bei = Norte; Jing = Capital). Lembrando que a autora, ao longo de sua vida, também escreveu belos poemas, em francês e em português, vemos, aqui, em sua declaração de amor incondicional pela “cidade azul”, na hora da despedida (ela nunca pode retornar a este país que tanto amou), a irrupção da grande arte na representação, que deixa o plano da narrativa e se reencontra na troposfera da poesia. Peço-lhes paciência, porque transcrevo na íntegra o novo trecho, já que a poesia o melhor a fazer é escutá-la em seu corpo inteiro:

E lá me fui com meus raminhos de flores, presentes dos amigos que se despediam, vendo aos poucos desaparecer Pequim a azul, Pequim a Misteriosa, Pequim a Recatada. Desaparecer a Pequim dos Houtoungs [hutongs] que se multiplicam em cidadezinhas proibidas, a Pequim da gente alegre e boa.

Pequim das ruas com nomes de lendas: Rua do Patriarca Sorridente, Rua da Cotovia que Canta, Rua das Dez Mil Luzes, Rua do Retiro Sombreado, Rua da Seda, Rua do Jade.

Pequim da Ponte do Céu, Pequim dos bondinhos barulhentos, que atravessam os pórticos de iluminuras, com um ruído infernal de ferro velho e de campainhas estridentes, que se desdobram em ecos sem fim.

Pequim da juventude consciente, Pequim das Universidades e das Bibliotecas, Pequim dos vendedores de jornais, que cantam as notícias em língua de ideogramas, dos reparadores de bicicletas e de porcelanas nas ruas, dos armazéns iluminados todos os dias, como em noite de Natal, dos cartazes que formam imensos quadros abstratos.

---

<sup>4</sup> É bem verdade que, naquele tempo, a autora não teve que enfrentar os efeitos muitas vezes negativos da poluição atmosférica capaz de escurecer, em alguns dias, o céu da capital nacional da China.

Pequim dos telhados de pontas que ameaçam os céus, cobertos de telhas multicores e pássaros lendários.

Pequim dos palácios imperiais e dos templos seculares, dos muros vermelhos da Cidade Proibida, dos guris soltando papagaios em forma de pombas de Picasso, na Praça do Tien An Men.

Pequim dos comboios de caminhões que vêm de Mukden, símbolo de sua nova grandeza industrial.

Pequim dos setecentos quilômetros de ruas, dos jardins encantados e das árvores torturadas, para agradecer aos Filhos do Céu.

Pequim da “Árvore do Amor”, dos lagos que parecem firmamento pelo avesso, nublados de lótus brancos, Pequim dos peixes dourados e dos fantasmas milenares que, nas noites de lua, dançam nos pátios desertos da Cidade Proibida. Pequim onde o vento de Gobi chega cantando através das grandes muralhas, para a coroar de ouro. Pequim de gente forte, Pequim de Mao Tsé-Tung!

Pequim aos poucos foi desaparecendo cada vez mais azul, cada vez mais misteriosa, cada vez mais bela e mais distante, deixando no fundo de meus olhos e de minha memória, uma lembrança que os anos jamais apagarão. (cf. *op. cit.*, p. 191-92).

Fiquemos aqui com esse instante de pura poesia. E poderíamos responder à pergunta final da grande artista Maria Martins: assim, a seu modo, nessa viagem poética pela Cidade Azul, já terá “valido bem a pena!” Pois todos os seus tempos e espaços estão aqui preservados. *Xièxiè!*

## Referências Bibliográficas e Filmográfica

*Da Autora:*

MARTINS, Maria. Martins. **Ásia Maior: Brama, Gandhi e Nehru**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

MARTINS, Maria. Martins. **Ásia Maior: o Planêta China**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958 (Prefácio: Oswaldo Aranha).



MARTINS, Maria. Martins. **Ásia Maior: o Planeta China**. 2ª. Ed. Brasília: FUNDAG (Fund. Alexandre Gusmão), 2008 (Apresentação: Celso Amorim).

*Sobre a Autora:*

ANTELO, Raúl. **Maria con Marcel: Duchamp en los Trópicos**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2006.

BOGHICI, Jean (Org.). **Maria Martins: 21 de novembro a 21 de dezembro 1997**. São Paulo: Fund. Maria Luísa e Oscar Americano, 1997 (Catálogo de Exposição).

CALLADO, Ana Arruda. **Maria Martins: uma Biografia**. São Paulo: Gryphus Ed., 2004.

COSAC, Charles (Org.). **Maria**. São Paulo: Cosac & Naif, 2010 (Inventário da Obra).

MARTINS, Fernando C.; GOMES, Elisa (Dir.). **Maria: Não Esqueça Que Eu Venho dos Trópicos**. Brasil: 2017, 80 min. (Filme-documentário).

STTIGER, Veronica (Org.). **Maria Martins: Metamorfoses**. São Paulo: Museu de Arte Moderna (MAM), 2013.